

I

OS TRÊS PRESENTES DE MONSIEUR D'ARTAGNAN PAI

Na primeira segunda-feira do mês de abril de 1625, o burgo de Meung, onde nasceu o autor do *Romance da Rosa*, parecia estar num estado de revolução tão completo como se os huguenotes tivessem vindo fazer uma segunda Rochelle. Vários burgueses, ao verem as mulheres a correr para os lados da rua principal, e ao ouvirem as crianças a gritar à soleira das portas, apressaram-se a envergar a couraça e, reforçando a sua afoiteza, um pouco incerta, num mosquete ou numa partasana, dirigiram-se para a estalagem do Franc Meunier, diante da qual se apertava, engrossando de minuto a minuto, um grupo compacto, barulhento e cheio de curiosidade.

Nesses tempos, os pânicos eram frequentes, e poucos dias se passavam sem que uma ou outra cidade não registassem nos seus arquivos algum acontecimento deste género. Havia os senhores que guerreavam entre si; havia o rei que fazia guerra ao cardeal; havia o espanhol que fazia guerra ao rei. Depois disso, além dessas guerras surdas ou públicas, secretas ou visíveis, havia ainda os ladrões, os mendigos, os huguenotes, os lobos e os lacaios que faziam guerra a toda a gente. Os burgueses estavam sempre em armas contra os ladrões, contra os lobos, contra os lacaios, frequentemente contra os senhores e os huguenotes, por vezes contra o rei, mas nunca contra o cardeal e o espanhol. Deste hábito adquirido resultou pois que, na supracitada primeira segunda-feira de abril de 1625, os burgueses, ao ouvirem o barulho e sem verem nem o estandarte amarelo e vermelho³ nem a libré do duque de Richelieu, se precipitaram para os lados da estalagem do Franc Meunier.

Quando lá chegaram, todos puderam ver e identificar a causa daquele burburinho.

Um jovem... façamos o seu retrato de uma penada: imaginem D. Quixote aos dezoito anos, D. Quixote sem corselete, sem cota de malha e sem fraldão, D. Quixote com um gibão de lã cuja cor azul se transformara num matiz indefinível de borra de vinho e de azul-celeste. Rosto comprido e moreno; pómulos salientes, sinal de astúcia; maxilares com músculos muito desenvolvidos, índice infalível pelo qual se reconhece o gascão, mesmo sem boina, embora o nosso jovem usasse uma boina ornamentada com uma espécie de pluma; olhos rasgados e inteligentes; nariz adunco, mas finamente desenhado; muito crescido para ser um adolescente, muito pequeno para ser um homem feito, que um olhar pouco experiente tomaria pelo filho de um lavrador em viagem, se não fosse a longa espada que lhe pendia do boldrié de pele e batia na barriga das pernas do seu proprietário quando ele estava de pé, e no pelo eriçado da sua montada quando estava a cavalo.

Porque o nosso jovem tinha uma montada, e essa montada era tão extraordinária que dava nas vistas: era um garrano do Béarn, de doze ou catorze anos, de pelagem amarela, sem crinas na cauda, mas com gavarros nas pernas, e que, embora andasse sempre com a cabeça mais baixa do que os joelhos, o que tornava inútil o uso da gamarra, percorria ainda assim as suas oito léguas por dia. Infelizmente as qualidades deste cavalo estavam tão bem escondidas debaixo da sua estranha pelagem e do seu porte incongruente que, numa altura em que toda a gente entendia de cavalos, a aparição do supracitado garrano em Meung, onde tinha entrado havia mais ou menos um quarto de hora pela Porte de Beaugency, provocou uma atitude de desdém que se refletiu no cavaleiro.

E essa atitude era tanto mais penosa para o jovem d'Artagnan (assim se chamava o D. Quixote desse outro *Rocinante*), que não ignorava o aspeto ridículo que lhe dava, por muito bom cavaleiro que fosse, aquela montada; por isso, tinha suspirado profundamente ao aceitar a prenda dada por Monsieur d'Artagnan pai. Não ignorava que um animal daqueles valia pelo menos vinte libras, e era verdade que as palavras com que o presente fora acompanhado não tinham preço.

— Meu filho — dissera-lhe o fidalgo gascão nesse puro patoá do Béarn de que Henrique IV nunca tinha conseguido libertar-se —, meu filho, este cavalo nasceu em casa do seu pai, há cerca de treze anos, e nela permaneceu desde então, o que o deve levar a ter estima por ele. Nunca o venda, deixe-o morrer tranquila e honradamente de velhice, e, se entrar em campanha com ele, trate-o como se fosse um velho servidor. Na corte — continuou Monsieur d'Artagnan pai —, se alguma vez tiver a honra de lá entrar, honra a que, de resto, a sua velha nobreza lhe dá

direito, defenda com honradez o seu título de gentil-homem, que tem sido usado dignamente pelos seus antepassados há mais de quinhentos anos. Por si e pelos seus (pelos seus, refiro-me aos seus pais e amigos), nunca tolere nada a não ser ao senhor cardeal e ao rei. É pela coragem, oiça bem, é apenas pela coragem, que um gentil-homem hoje em dia desbrava caminho na vida. Quem tremer um segundo talvez deixe escapar precisamente nesse segundo a oportunidade que a fortuna lhe estendia. É jovem, e tem de se mostrar bravo por duas razões: a primeira é por ser gascão, e a segunda é por ser meu filho. Não tema as oportunidades e lance-se em busca de aventuras. Ensinei-o a manejar a espada; tem um jarrete de ferro e um punho de aço; bata-se por tudo e por nada; bata-se tanto mais que os duelos estão proibidos, e que, por conseguinte, uma pessoa tem de ter duas vezes mais coragem para lutar. Meu filho, para lhe dar só tenho quinze escudos, o meu cavalo e os conselhos que acaba de ouvir. A sua mãe dar-lhe-á a receita de um bálsamo que aprendeu com uma cigana, e que tem a virtude miraculosa de curar todas as feridas que não atinjam o coração. Tire partido de tudo, e viva feliz por muitos e bons anos. Só tenho uma palavra a acrescentar, e proponho-lhe um exemplo, não o meu, que não o tenho, porque eu nunca frequentei a corte e só participei nas guerras de religião como voluntário. Refiro-me a Monsieur de Tréville, que noutros tempos foi meu vizinho, e que, em menino, teve a honra de brincar com o nosso rei Luís XIII, que Deus o proteja! Algumas vezes as suas brincadeiras degeneravam em batalhas, e nessas batalhas o rei nem sempre era o mais forte. Os golpes que recebeu levaram-no a ter muita estima e amizade por Monsieur de Tréville. Mais tarde, Monsieur de Tréville, na sua primeira viagem a Paris, bateu-se cinco vezes contra outros; após a morte do falecido rei até à maioridade do novo, sem contar com as guerras e com os cercos, bateu-se sete vezes; e, desde essa maioridade até hoje, talvez umas cem vezes! Isto, apesar dos éditos, das ordenanças e das prisões, e ei-lo capitão dos mosqueteiros, isto é, chefe de uma legião de Césares, por quem o rei tem grande apreço, e que até o senhor cardeal teme, logo ele que, como toda a gente sabe, não tem medo de quase nada. Além disso, Monsieur de Tréville ganha dez mil escudos por ano; é, portanto, um senhor muito importante. Começou como você; vá visitá-lo e entregue-lhe esta carta; regule a sua conduta pela dele, a fim de vir a ser como ele.

Depois, Monsieur d'Artagnan pai cingiu o filho com a sua própria espada, beijou-o ternamente em ambas as faces e deu-lhe a sua bênção.

Ao sair do quarto paterno, o jovem encontrou a mãe, que o esperava com a famosa receita que, segundo os conselhos que acabamos de refe-

rir, devia necessitar de usar com bastante frequência. As despedidas foram deste lado mais longas e mais ternas do que o tinham sido do outro, não porque Monsieur d'Artagnan não amasse o filho que representava a sua única progeneritura, mas porque Monsieur d'Artagnan era um homem, e teria considerado indigno de um homem deixar-se levar pelas emoções, enquanto Madame d'Artagnan era mulher e, para além disso, era mãe. Chorou, pois, copiosamente, e digamos em louvor de Monsieur d'Artagnan filho que, apesar de todos os esforços que tentou para se manter firme, como o devia fazer um futuro mosqueteiro, a natureza levou a melhor e ele verteu muitas lágrimas de que, a muito custo, conseguiu esconder metade.

No mesmo dia, o jovem pôs-se a caminho, munido dos três presentes paternos e que se compunham, como dissemos, de quinze escudos, do cavalo e da carta para Monsieur de Tréville. Como é lógico, os conselhos tinham-lhe sido dados como acréscimo aos presentes.

Com semelhante vade-mécum, d'Artagnan ficou, tanto moral como fisicamente, uma cópia exata do herói de Cervantes, com o qual com tanta felicidade o comparámos quando os nossos deveres de historiador nos obrigaram a traçar o seu retrato. D. Quixote tomava os moinhos de vento por gigantes e os carneiros por exércitos, d'Artagnan tomava cada sorriso por um insulto e cada olhar por uma provocação. Por isso, foi sempre de punho fechado desde Tarbes até Meung, e, em média, levou a mão ao punho da espada dez vezes por dia; contudo, nunca o punho desceu contra qualquer queixo, nem a espada saiu da bainha. Não é que a vista do pobre garrano amarelo não provocasse alguns sorrisos nos rostos dos transeuntes; mas, como por cima do garrano tilintava uma espada de tamanho considerável e que por cima dessa espada brilhava um olhar mais feroz do que orgulhoso, os transeuntes reprimiam a hilaridade, ou, se a hilaridade era mais forte do que a prudência, procuravam pelo menos rir só de lado, como as máscaras antigas. Assim, d'Artagnan manteve-se majestoso e intacto na sua suscetibilidade até chegar a essa desditosa cidade de Meung.

Mas, aí chegado, quando descia do cavalo à porta do Franc Meunier sem que ninguém, estalajadeiro, moço ou palafreireiro, lhe viesse segurar o estribo, d'Artagnan viu, a uma janela entreaberta do rés do chão, um gentil-homem de boa estatura e de aspeto altivo, embora de rosto ligeiramente carrancudo, que conversava com duas pessoas que pareciam ouvi-lo com deferência. E d'Artagnan, muito naturalmente julgando ser, como era seu costume, tema da conversa, ficou à escuta. Desta vez, d'Artagnan só se tinha enganado em metade: não era dele que fala-

vam mas do cavalo. O gentil-homem parecia estar a enumerar aos seus ouvintes todas as suas qualidades, e uma vez que, tal como já disse, os ouvintes pareciam ter grande deferência pelo narrador, riam à gargalhada com o que ele dizia. Ora, se um meio sorriso bastava para despertar a irascibilidade do jovem, compreende-se o efeito que lhe provocou tão ruidosa hilaridade.

Contudo, d'Artagnan quis primeiro observar a fisionomia do impertinente que troçava dele. Cravou o seu olhar altivo no desconhecido e verificou tratar-se de um homem de quarenta a quarenta e cinco anos, de olhos negros e penetrantes, tez pálida, nariz bem saliente e bigode preto bem aparado. Vestia um gibão e uns calções violeta com agulhetas da mesma cor, sem qualquer adorno a não ser as aberturas habituais pelas quais se via a camisa. Tanto os calções como o gibão, embora novos, pareciam amarrotados, como roupas de viagem fechadas durante muito tempo numa mala. D'Artagnan deu-se conta disto tudo com a rapidez do observador mais minucioso, e certamente por um sentimento instintivo que lhe dizia que este desconhecido devia vir a ter uma grande influência na sua vida.

Ora, como no momento em que d'Artagnan fixava o olhar no gentil-homem do gibão violeta, este estava a fazer uma das suas mais sábias e mais profundas demonstrações a respeito do garrano bearnês, os seus dois ouvintes desataram a rir, e ele próprio deixou que, contra o seu hábito, um pálido sorriso lhe vagueasse, se assim se pode chamar, pelo rosto. Desta vez, não havia dúvidas: d'Artagnan tinha sido realmente insultado. Por isso, cheio de convicção, puxou a boina até aos olhos e, tentando imitar alguns dos gestos de corte que observara em alguns nobres em viagem pela Gasconha, avançou, com uma mão apoiada nos copos da espada e a outra na anca. Infelizmente, à medida que avançava, a cólera cegava-o cada vez mais, e, em lugar do discurso digno e arrogante que preparara para lançar o seu repto, só encontrou na ponta da língua uma alusão insultuosa que acompanhou com um gesto furioso.

— Eh, cavalheiro! — gritou. — O senhor, que se esconde atrás dessa portada! Sim, o senhor, diga-me lá do que se estão a rir, e riremos juntos.

O gentil-homem desviou lentamente os olhos da montada do cavaleiro, como se lhe fosse necessário algum tempo para compreender que era a ele que se dirigiam essas tão estranhas censuras; depois, quando já não lhe restava qualquer dúvida, franziu ligeiramente o sobrolho e, após uma pausa bastante longa, num tom irónico e com uma insolência indescritível, respondeu a d'Artagnan:

— Não estou a falar consigo, senhor.